

FICHA TÉCNICA

Título original: *Erebos*

Autora: *Ursula Poznanski*

Copyright © 2010 Loewe Verlag GmbH, Bindlach

Tradução © Editorial Presença, Lisboa, 2015

Tradução: *João Bouza da Costa*

Design © 2014 by Vinsensius Indra Suriantoso (ibunibun.deviantart.com)

Capa: *Imagem reproduzida sob autorização de Noura Books, Indonésia. Todos os direitos reservados.*

Composição, impressão e acabamento: *Multitipo — Artes Gráficas, Lda.*

Depósito legal n.º 390 311/15

1.ª edição, Lisboa, abril, 2015

Reservados todos os direitos
para a língua portuguesa (exceto Brasil) à

EDITORIAL PRESENÇA

Estrada das Palmeiras, 59

Queluz de Baixo

2730-132 Barcarena

info@presenca.pt

www.presenca.pt

Começa sempre à noite. Durante a noite alimento os meus planos com a escuridão. Se algo há de que disponho em excesso é de escuridão. É ela o chão onde há de desabrochar o que quero ver crescer.

Se me dessem a escolher, desde sempre teria preferido a noite ao dia e a cave ao quintal. Só depois do pôr do Sol é que os seres aleijados das minhas ideias ousam sair dos seus esconderijos para respirar o ar gelado. Ficam então à espera que eu atribua aos seus corpos deformados uma beleza grotesca e muito própria. Um isco tem de ser belo, para que a presa só se aperceba do anzol quando ele já se lhe espetou fundo na carne. A minha presa. Quase me apetece abraçá-la, sem sequer a conhecer. E de certa forma é mesmo isso que irei fazer. Iremos fundir-nos, no meu espírito.

Nem sequer preciso de procurar a escuridão, ela está sempre à minha volta, eu exalo-a como ao ar que respiro. Como as excreções do meu corpo. Entretanto, todos me evitam, e isso é bom. Passam ao largo, esgueiram-se, a bichanar, angustiados, cheios de medo. Achrom que é o fedor que os afasta, mas não, eu sei que é a escuridão.

1

Já passavam dez minutos das três e o Colin sem aparecer. Nick deixou a bola de basquete ressaltar no asfalto, dominou-a primeiro com a mão direita, depois com a esquerda e novamente com a direita. Um estrondo breve, sonoro, de cada vez que ela batia no chão. Tentou manter o ritmo. Mais trinta vezes — se até lá o Colin não aparecesse, seguia sozinho para o treino.

Cinco, seis. Não era costume nele baldar-se assim, sem avisar. Sabia perfeitamente como era fácil saltar da equipa titular do Betthany. Também não tinha o telemóvel ligado, de certeza que se esquecerera outra vez de o pôr a carregar. Dez, onze. Mas também assim, esquecer-se logo do basquete, da malta, da sua equipa? Dezoito, dezanove, vinte. Do Colin nem sombra. Nick suspirou e entalou a bola por baixo do braço. Pois bem, então a maioria dos cestos iria hoje para a sua conta. Até que enfim, pensou.

O treino foi de rebentar e ao fim das duas horas estava banhado em suor. Nick coxeou com as pernas doridas para dentro do duche, ligou o jato de água quente e deixou-se ficar ali, de olhos fechados. O Colin não aparecera e, como era de esperar, o Betthany passara-se dos carros. Descarregara a raiva toda para cima dele, como se ele tivesse a culpa de o Colin não ter aparecido.

Nick espalhou o champô pela cabeça e lavou aquilo que o treinador Betthany considerava uma «cabeleira indecente». Depois, como sempre, atou-a num rabo de cavalo com um elástico lasso. Foi o último a deixar o pavilhão desportivo, lá fora já começava a escurecer. Enquanto descia as escadas rolantes do metro, tirou do bolso o telemóvel

e marcou o número gravado do amigo. Depois de tocar duas vezes, a chamada foi desviada para a caixa do correio e ele desligou sem deixar mensagem.

A mãe de Nick estava estendida no sofá, a folhear umas das suas revistas para cabeleireiros, enquanto via televisão.

— Hoje só há *cachorros-quentes* — anunciou, mal Nick acabara de fechar a porta atrás de si. — Estou derreada. Podes ir buscar-me uma aspirina à cozinha?

Nick deixou cair o saco de desporto num canto e meteu uma pastilha efervescente de aspirina com vitamina C num copo de água. *Cachorros-quentes, perfeito*. Estava com uma fome de lobo.

— O pai não está em casa?

— Não, vem mais tarde. Um colega faz anos hoje.

Sem grande esperança, Nick deitou uma vista de olhos às prateleiras do frigorífico, à procura de algo mais satisfatório do que as salsichas — as sobras da piza de ontem, por exemplo —, mas não teve sorte.

— O que achas daquela cena do Sam Lawrence? — gritou a mãe da sala. — Uma loucura, não é?

Sam Lawrence? O nome não lhe era estranho, mas não o conseguia associar a nenhum rosto. Quando estava tão estoirado como hoje, as mensagens em código da mãe irritavam-no como tudo. Serviu-lhe o desejado *cocktail* contra as dores de cabeça e perguntou-se se não seria melhor emborcar também um.

— Vocês estavam lá quando o foram buscar? Mrs. Gillinger contou-me a história enquanto eu lhe tingia as madeixas. Ela trabalha na mesma firma da mãe do Sam.

— Dá-me lá uma dica: o Sam Lawrence está na minha escola?

A mãe lançou-lhe um olhar de desagrado. — Claro! Dois anos abaixo de ti. Foi suspenso, não pode ir às aulas. Não deste pelo escândalo?

Não, não dera por nada, mas a mãe pô-lo ao corrente com todos os pormenores.

— Encontraram armas no seu cacifo! Armas! Parece que uma pistola e duas navalhas de ponta e mola. Onde é que um miúdo de quinze anos vai arranjar uma pistola? Podes-me explicar?

— Não — disse Nick, e era a pura das verdades. Todo aquele escândalo, como a mãe lhe chamara, passara-lhe ao largo. Pensou nos banhos de sangue nas escolas americanas e, involuntariamente, foi percorrido por um calafrio. Haveria gajos assim tão transtornados entre eles? Sentiu vontade de ligar para o Colin, ele talvez soubesse

mais sobre o assunto, mas o estupor do Colin não atendia, aquela preguiça. Talvez fosse melhor assim, porque se calhar a mãe estava outra vez a exagerar e o putito não fora apanhado com mais do que uma pistola de água e um canivete.

— É de ficar assustada com o que pode acontecer quando os filhos crescem — sentenciou a mãe, e olhou para ele com aquele olhar que queria dizer: *mas tu, o meu coelhinbo, o meu pequerrucho, o meu bebezinho, nunca farias uma coisa dessas, pois não?*

Era aquela expressão que o fazia tantas vezes duvidar se afinal não seria melhor ir viver para casa do irmão.

— Estiveste doente ontem? O que o Bethany se fartou de praguejar...

— Não. Tudo OK. — Os olhos raiados de sangue do Colin fixavam a parede do corredor da escola, ao lado da cabeça de Nick.

— De certeza? Parece que estás na merda.

— De certeza. Dormi foi pouco a noite passada.

O olhar de Colin roçou por um instante o rosto de Nick, para logo se dedicar novamente à contemplação da parede. Nick evitou soprar pelas narinas. Ao Colin dormir pouco nunca lhe tinha feito massa.

— Andaste na naite?

Colin abanou a cabeça, as suas tranças rastas balouçaram de um lado para o outro.

— Está bem. Mas se é outra vez o teu pai a...

— Não é nada o meu pai, OK? — Colin esgueirou-se para dentro da sala de aulas, mas não se foi sentar no seu lugar, preferiu ir para o fundo, junto à janela, onde o Dan e o Alex estavam, embrenhados numa conversa.

O Dan e o Alex? Nick piscou os olhos, incrédulo. Aqueles dois eram tão totós que o Colin lhes chamava «as duas manas do tricô». A mana n.º 1 (o Dan) não passava de um caga-tacos e um gajo ficava com a sensação de que ele tentava compensar isso com um cu descomunal, que adorava coçar. Já a mana n.º 2 tinha a particularidade de mudar instantaneamente a cor do rosto, que ia de uma palidez de menina marrona a um vermelhão de sinal de proibição num tempo recorde. Não falhava.

Estaria o Colin a pensar meter o requerimento para se tornar a mana do tricô n.º 3?

— Não estou a perceber nada — murmurou Nick.

— Já andas a falar sozinho? — Atrás dele aparecera o Jamie, que com um safanão no ombro lhe atirou ao chão a pasta esfarrapada,

que resvalou para dentro da sala. Depois sorriu para Nick, revelando uma das mais gloriosamente tortas fileiras de dentes de toda a escola.

— Falar sozinho é mau sinal. Normalmente, é um dos primeiros sintomas de esquizofrenia. Também já andas a ouvir vozes?

— Deixa-te lá disso, meu. — Nick deu-lhe um encontrão amigável. — Mas ali o mano Colin parece que se juntou às maninhas do tricô.

Voltou a olhar para o fundo da sala e estacou. Aquilo não tinha nada a ver com «juntar-se», era mais uma submissão. Colin tinha posto uma expressão implorativa nunca antes vista. Involuntariamente, Nick aproximou-se uns passos.

— ... não percebo porque é que não me podes dar umas dicas — ouviu o amigo dizer.

— Não pode ser. Não comeces agora com isso. Sabes muito bem que não — disse o Dan, e cruzou os braços por cima da pança descaída. Na gravata do uniforme obrigatório da escola via-se uma mancha de gema de ovo do pequeno-almoço.

— Vá lá, meu, nada de especial. E eu também não te vou bufar.

Enquanto o Alex olhava indeciso para o Dan, este comprazia-se visivelmente com a situação.

— Esquece. Não és tu que sabes tudo? Então vê lá se te safas.

— Ao menos...

— Não! Cala já o bico, Colin!

Pronto, não tarda nada e o Colin agarra-o pelo ombro e fá-lo voar pela sala de aulas. É que não tarda mesmo nada.

Mas o Colin limitou-se a baixar a cabeça e ficou a olhar para as biqueiras dos sapatos.

Havia ali qualquer coisa que não estava a bater certo. Nick aproximou-se da janela e juntou-se ao grupo.

— Então o que é que se passa convosco?

— Queres alguma coisa? — perguntou o Dan todo assanhado.

Nick olhou ora para o amigo, ora para os outros dois.

— De ti, não — respondeu. — Só do Colin.

— Estás cego? Não vês que ele está a conversar?

Nick não quis crer no que ouvira. Como é que aquele tipo falava com ele?

— A sério, Dan? — disse lentamente. — Mas sobre o que é que ele podia conversar contigo? Sobre figuras de tricô?

Colin lançou-lhe um olhar fugaz com os seus olhos negros, mas não disse nada. Se a sua tez não fosse tão escura, Nick poderia jurar que enrubescera.

Não podia ser verdade! Andaria o Colin metido em alguma alhada e o Dan sabia de tudo? Estaria ele a chantageá-lo?

— Colin — disse Nick em voz alta —, eu e o Jamie encontramos depois da escola com uma malta no Camden Lock. Queres aparecer por lá?

A resposta de Colin demorou bastante tempo.

— Ainda não sei — disse por fim, o olhar esforçado, dirigido para a janela. — O melhor é não contarem comigo.

O Dan e o Alex trocaram um olhar sintomático, que deixou um ardor nervoso na boca do estômago de Nick.

— Mas afinal o que é que se está a passar aqui? — E puxou o amigo pelo ombro. — Eh, Colin, o que é que se passa?

Acabou por ser o Dan, aquela espécie de almôndega ridícula, que tirou a mão de Nick do ombro de Colin. — Nada que te diga respeito. Nada que tu possas perceber.

Às seis e meia, a Northern Line estava cheia até ao último lugar em pé. A caminho do cinema, Nick e Jamie seguiam apertados entre corpos fatigados e suados. Ainda assim, Nick, que era mais alto do que a maioria, lá ia conseguindo respirar um ar menos gasto, enquanto o Jamie estava a ser esmagado entre um tipo de fato completo e uma matrona peituda.

— E eu digo-te que há ali qualquer coisa que não bate certo — insistiu Nick. — O Dan tratou o Colin como se ele fosse um moço de recados. E a mim como se eu fosse um puto. Da próxima vez... — Nick interrompeu-se. O que é que ele ia fazer da próxima vez? Dar-lhe um murro no nariz? — Da próxima vez, mostro-lhe como é — limitou-se a dizer.

Jamie encolheu os ombros, para mais movimentos não havia espaço. — Acho que andas a imaginar histórias — disse com indiferença. — Talvez o Colin queira que o Dan o ajude no espanhol. Ele dá explicações a imensa gente.

— Não. Não é isso. Devias tê-los ouvido!

— Então deve estar a tramar alguma. — O sorriso de Jamie alargou-se até aos dentes molares. — Anda a gozar com ele, não topas? Como da outra vez em que ele convenceu o Alex de que a Michelle estava interessada nele. Foram semanas de gozo!

Nick riu sem querer. O Colin fora tão convincente que o Alex se pusera a perseguir a tímida Michelle. Claro que acabou por se saber tudo e durante alguns dias o Alex não conseguiu mudar de cor, parecia que o seu rosto ia ficar vermelho para o resto da vida.

— Isso foi há dois anos, na altura tínhamos acabado de fazer catorze — lembrou-se Nick. — Pura parvoíce de putos.

As portas do metro deslizaram para os lados, abrindo-se, algumas pessoas saíram e outras, muitas mais, entraram. Uma rapariga de saltos altos pisou Nick, apoiando todo o peso em cima do seu pé, e a dor fê-lo esquecer durante os minutos seguintes o estranho comportamento de Colin.

Só mais tarde, quando já estavam sentados na sala escurecida do cinema, com os anúncios a passarem na tela gigante, é que Nick voltou a ver a imagem do Colin ao lado daqueles dois fricalhões. O olhar ansioso e brilhante do Alex, o sorrisinho petulante do Dan. E o Colin à rasca.

Aquilo não tinha nada a ver com explicações. Nunca na vida.

Durante todo o fim de semana, ninguém lhe pôs os olhos em cima nem ouviu falar dele, e mesmo na segunda-feira Colin só falou com ele o estritamente necessário. Parecia estar sempre prestes a largar tudo para se ir embora. Durante um dos intervalos, Nick viu-o a entregar qualquer coisa ao Jerome. Um objeto fino, de plástico espelhado. O Jerome parecia não estar lá muito interessado, enquanto o Colin o tentava convencer, gesticulando durante todo o tempo, até que se foi embora de repente.

— Eh, Jerome. — Nick aproximou-se dele, descontraído e bem-disposto. — Ouve lá, o que é que o Colin te deu ainda agora?

Encolher de ombros. — Nada de especial.

— Mostra lá.

Durante um momento, Jerome pareceu querer levar a mão ao bolso, mas mudou de ideias.

— Porque é que isto te interessa?

— Por nada. Pura curiosidade.

— Não é nada de especial. Se quiseres, pergunta ao Colin. — E com isso virou-lhe as costas e juntou-se a uns tipos que ali estavam por perto, a discutir os últimos resultados do futebol.

Nick foi buscar os livros de inglês ao cacifo e dirigiu-se para a sala de aulas, onde o seu olhar, como sempre, se deteve na Emily. Estava a desenhar, de cabeça baixa, muito concentrada. O cabelo escuro pendia-lhe até à folha de papel.

Nick estremeceu, olhou à sua volta e dirigiu-se para a carteira do Colin — só que quem agora também ali estava era a mana do tricô do Alex. Ele e o Colin bichanavam qualquer coisa, as cabecinhas juntas.

— Vai mas é... — murmurou Nick com um olhar sombrio.
No dia seguinte, Colin não veio às aulas.

— Sei lá o que é que eles podem andar a endrominar. Normalmente, eu até sou o mais desconfiado de nós os dois! — E como que para dar mais força às suas palavras, o Jamie fechou com estrondo a porta do cacifo. — Já puseste a hipótese de o Colin andar vidrado numa tipa qualquer? A maior parte dos manos piram quando isso lhes acontece. — O Jamie revirou os olhos. — Na Gloria, por exemplo, eu sei lá? Ou na Brynne. Não, essa não tira os olhinhos de ti, meu grande engatatão.

Nick não lhe prestou grande atenção, porque um pouco mais à frente, parados no corredor, em frente às portas das casas de banho, estavam dois rapazes do 7.º ano. O Dennis e o... aquele tipo de cujo nome ele nunca conseguia lembrar-se. De qualquer forma, o Dennis insistia com o outro numa grande nervoseira, enquanto lhe mostrava algo, uma embalagem fina, quadrada. A cena não pareceu estranha a Nick. O outro sorriu e meteu aquilo no bolso com uma naturalidade exagerada.

— Talvez o Colin esteja vidrado naquela doçura da Emily Carver — prosseguiu o Jamie com as suas conjeturas. — Com essa não tem hipóteses, até nem era de espantar que andasse lixado. Ou então aqui na Helen, a nossa «boazona»! — E Jamie pregou uma forte palmada no traseiro roliço da rapariga, que nesse momento tentava esgueirar-se entre ele e a porta.

Helen virou-se de repente e deu-lhe um empurrão que o atirou quase para o fundo do corredor. — Tira daqui as patas, cabrão — sibillou.

Jamie não tardou a recuperar a presença de espírito, depois do primeiro momento de susto. — Está bem, não batas mais, minha. Embora me custe muito quando te vejo. Sou doido por borbulhas e banhas!

— Deixa-a em paz — disse Nick. Jamie olhou para ele espantado.

— O que é que se passa contigo? Não me digas que entraste para o Greenpeace. Salvem as baleias e tangas assim?

Nick não respondeu. As piadinhas do Jamie à custa da Helen deixavam nele sempre a sensação de que alguém andava despreocupadamente a atirar foguetes a *jerrycans* de gasolina.

Na televisão estavam a dar os *Simpson*. Esparramado no sofá, com as calças de treino vestidas, Nick ia comendo, diretamente da lata, umas colheradas de *ravioli* já meio arrefecidos. A mãe ainda não tinha

chegado. Devia ter saído cheia de pressa, despistada como sempre, pois metade da sua «mala das ferramentas» estava espalhada pelo chão da sala. Mal entrara, Nick tropeçara logo num frisador e quase se espalhara ao comprido. A mãe e o seu caos.

O pai ressonava no quarto e tinha pendurado na porta o letreiro «Não incomodar — estou a hibernar».

Os *ravioli* acabaram quando o Homer espetou o carro contra uma árvore. Nick bocejou. Já sabia o que ia acontecer, além disso tinha que sair já para o treino de basquete. Sem grande entusiasmo, juntou o equipamento e meteu-o no saco. Talvez, ao menos, o Colin aparecesse, depois de ter faltado ao último treino. Não custava nada ligar-lhe, para que não se esquecesse. Nick ainda tentou três vezes, mas foi parar à caixa do correio e essa, como era sabido, Colin só a ouvia em cada ano bissexto.

— Quem não leva o jogo a sério não está aqui a fazer nada na equipa! — O rugido do Betthany ecoou por todo o pavilhão. Os membros da equipa dizimada pelas faltas de comparência fitavam cabisbaixos as próprias botas. O Betthany não tinha nada que descarregar sobre eles a sua fúria, afinal eles tinham vindo ao treino. Só que eram oito, em vez de dezassete. Com oito jogadores não se podiam formar duas equipas, e em substituições nem sequer valia a pena pensar. Claro que o Colin não tinha vindo, mas também o Jerome faltava. Estranho.

— Que raio se passa com aqueles falhados? Querem ver que adoeceram todos ao mesmo tempo? Anda por aí uma epidemia da doença das vacas loucas? — Não tarda nada, ficas rouco, desejou Nick.

— Se este agora continua a desatinar assim, da próxima vez fico também eu em casa — murmurou, e como prémio teve que encher vinte e cinco vezes.

A caminho de casa, Nick voltou a tentar ligar para Colin mais duas vezes. Sem sucesso. Maldição!

Porque é que ele estava assim tão inquieto? Só porque o Colin resolvera portar-se como um idiota? Não, concluiu depois de refletir um momento. Se ele se portasse como um idiota, estaria tudo OK. Mas, ao que parecia, o Colin tinha-o riscado da sua vida assim, sem mais nem menos, de um dia para o outro. Devia-lhe, pelo menos, uma explicação.

Assim que chegou a casa foi para o quarto e atirou-se para cima da desengonçada cadeira giratória, em frente à secretária. Ligou o computador e abriu o seu programa de *e-mail*.

De: Nick Dunmore <nick1803@aon.co.uk>

Para: Colin Harris <colin.harris@hotmail.com>

Assunto: Está tudo em ordem contigo?

Então, mano?! Estás doente ou passa-se alguma coisa contigo? Ofendi-te com qualquer coisa que disse? Se o fiz, não tive essa intenção.

E já agora: o que é que se passa entre ti e o Dan? O gajo é mesmo um monge, até agora tínhamos a mesma opinião...

Vais amanhã à escola? Se houver algum problema, fala comigo.

Tchau

Nick

Nick carregou na tecla para *enviar*, depois abriu o *browser* e entrou no *chat* do seu clube de basquetebol. Mas ninguém estava *online*, pelo que decidiu surfar no *deviantart*, à procura de algo que a Emily pudesse ter lá posto. Um novo *manga* ou um poema no *website*. Ela tinha um talento incrível.

Descobriu dois novos esboços, que gravou logo no disco rígido, e um comentário breve num blogue. Hesitou lê-lo. Tinha sempre que ultrapassar uma barreira invisível, pois sabia que aquilo não lhe era destinado. Emily esforçava-se por permanecer anónima, mas as amiguinhas adoravam dar à língua.

Esforçou-se por afastar o pensamento. Ao menos ali estava perto dela. Como se lhe pudesse tocar no escuro.

No blogue, Emily escrevia que sentia um grande vazio na cabeça. Só tinha vontade de ir viver para o campo, longe daquela monstruosa Londres. Nick sentiu cada palavra como uma punhalada. Era impensável que a Emily abandonasse a sua cidade e a sua vida. Ainda leu três vezes o comentário antes de fechar a página.

Voltou a abrir o correio eletrónico. Do Colin nem uma palavra. Nem um *tweet*, há já vários dias que não postava nada. Nick suspirou, deu uma pancada demasiado forte com o rato, em cima da secretária, e encerrou os programas do PC.

Química era uma tortura que o destino lhe impusera. Debruçado sobre o compêndio e a sentir um desespero crescente, Nick tentava perceber os exercícios do teste que Mrs. Ganter lhes marcara para aquela aula. Se ao menos bastasse um C ao fim do ano. Mas não havia volta a dar-lhe: menos de um B era impossível e no fundo tinha que ter um A. As faculdades de medicina não admitiam abéculas em química.

Olhou para cima. À sua frente estava sentada a Emily, o rabo de cavalo escuro caía-lhe para as costas. Não era uma daquelas costas estreitinhas de elfo, mas umas costas largas, onde se adivinhava o treino de natação. Tal como as pernas, que eram longas, torneadas e... Nick sacudiu a cabeça, como que para enxotar os pensamentos de volta para o devido sítio. *Raios! Quantas moles é que eram 19 gramas de CH₄?*

A campainha tocou demasiado cedo para o intervalo. Nick foi um dos últimos a entregar a folha, consciente de que Mrs. Ganter não ia ficar nada satisfeita. A Emily já tinha saído; Nick procurou-a automaticamente e de facto descobriu-a logo ali no corredor, a poucos metros de distância. Estava a conversar com o Rashid, cujo enorme nariz projetava na parede uma sombra em forma de bico de pássaro. Nick aproximou-se devagar, como se estivesse distraído, à procura de algo na pasta.

— Não podes contar nada a ninguém, estás a ouvir? — Rashid entregava-lhe uma coisa fina, embrulhada em papel de jornal. De forma quadrada, mais uma vez. — É importante. Vais flipar. É tremendo, nem dá para acreditar.

O ceticismo estava gravado no rosto de Emily. — Não tenho tempo para parvoíces dessas.

Nick manteve-se de lado, a estudar minuciosamente o quadro de informações do clube de xadrez.

— Não tens tempo; que estupidez! Experimenta! Toma.

Um olhar de soslaio revelou a Nick que o Rashid insistia em entregar a Emily o invólucro. Mas ela não o aceitou. Deu um passo atrás, abanou a cabeça e seguiu caminho. — Oferece-o a outra pessoa — ainda disse por cima do ombro, enquanto se afastava.

Pois, oferece-mo a mim, pensou Nick. O que é que estava a acontecer à sua volta? Porque é que ninguém falava daquelas capas que andavam a ser passadas de mão em mão? E por que raio é que ainda não lhe tinham entregue nenhuma? Normalmente era sempre um dos primeiros a estar a par das situações!

Nick ficou a ver o Rashid afastar-se pelo corredor, depois de ter enfiado o embrulhinho no bolso. Aproximava-se agora da Brynne, que tinha acabado de se despedir de uma amiga. Assim que lhe falou, tirou o embrulho do bolso.

— Para onde é que estás a olhar com esse ar tão sonhador? — Nick encolheu-se ao sentir a palmada no ombro. O Jamie. — Como é que correu a horrível aula de química?

— Horrivelmente — murmurou Nick. — Do que é que estavas à espera?

— Só queria ouvir a confirmação em primeira mão.

Um grupo que tinha ficado parado no corredor impediu-lhe a visão do que estava a ocorrer entre a Brynne e o Rashid. Nick aproximou-se, mas a transação já tinha sido efetuada. O Rashid pôs-se a andar com aquele passo arrastado tão típico seu e a Brynne desapareceu na esquina seguinte.

— Merda — praguejou Nick.

— O que é que se passa?

— Nada. Há qualquer coisa a acontecer que eu não entendo. Da última vez foi o Colin que entregou ao Jerome uma coisa e os dois comportaram-se como se aquilo fosse ultrassecreto. Ainda agora o Rashid estava a tentar o mesmo com a Emily, ela mandou-o ir dar uma volta e ele foi ter com a Brynne. — Nick levou a mão ao cabelo apanhado atrás. — O resto não consegui ver. Só gostava de saber do que se trata.

— CD — disse o Jamie lacónico. — Umás quaisquer cópias pirateadas, calculo. Já é a segunda vez que vejo hoje um tipo a arrastar outro para um canto para lhe impingir um CD desses. O que é que isso tem de especial?

CD. De facto, correspondia ao formato da embalagem do Rashid. Uma cópia pirateada, entregue de mão em mão, talvez música proibida. Nesse caso não era de admirar que a Emily não quisesse ter nada a ver com o assunto. Sim, podia ser. A hipótese acalmou por momentos um pouco a curiosidade de Nick, só que... se fosse de facto música, então porque é que não se ouvia falar dela? Da última vez que tinham andado a passar um filme proibido, ele acabara por se tornar a notícia do dia. Quem já o tinha visto perdia-se em descrições bombásticas, enquanto os outros ouviam, roídos de inveja.

Mas agora? Era como se andassem a jogar aos segredinhos, como se uma senha secreta andasse a ser transmitida. Os iniciados calavam-se, sussurravam, mantinham-se à parte.

Nick encaminhou-se pensativo para a sala de inglês. A aula seguinte foi bastante secante, não conseguia deixar de pensar no assunto, de modo que só decorridos vinte minutos da aula é que se apercebeu de que não só o Colin mas também o Jerome tinham faltado hoje.

A luz quente do outono derramava-se sobre a secretária de Nick, tingindo de dourado todo aquele caos de livros, cadernos e folhas de trabalho. A redação de inglês, sobre a qual ele já meditava há uma

boa meia hora, resumia-se a três frases, enquanto nas margens da folha se acumulavam rabiscos enroscados, raios zigiguezagueantes e linhas onduladas. Uma porcaria, não conseguia concentrar-se, os seus pensamentos perdiam-se constantemente em divagações idiotas.

Na cozinha ouviu a mãe a resmungar qualquer coisa, antes de mudar a estação de rádio. A Whitney Houston cantava «I Will Always Love You» — o que é que ele tinha feito para merecer tamanho castigo?

Nick atirou a esferográfica para cima da mesa, saltou da cadeira e fechou a porta com estrondo. Não podia continuar assim, não conseguia tirar da cabeça aquele CD. Porque é que ainda não lho tinham dado? E porque é que ninguém lhe contava o que se estava a passar? Uma vez mais tentou ligar ao Colin, só que ele não atendeu. Grande surpresa! Nick deixou-lhe uns quantos palavrões na caixa do correio, procurou o número do Jerome e ligou-lhe. O sinal de livre ecoou uma, duas, três vezes — até alguém interromper a ligação do outro lado da linha.

Maldição! Nick respirou fundo. Tudo aquilo começava a ser ridículo. Iniciou o gesto de querer lançar o telemóvel para dentro da mochila, mas de repente parou. A asa levíssima de uma ideia original roçou o seu espírito e deixou-o com uma espécie de vaga comichão. Também tinha ali gravado o número da Emily.

Antes que lhe viessem à cabeça mil e uma razões para não lhe ligar, já tinha marcado o número. O som da ligação livre ecoou novamente ao seu ouvido, uma, duas vezes...

— Alô?

— Emily? Ah, sou eu, o Nick. Só queria perguntar-te uma coisa... É sobre aquilo que se passou hoje... na escola... — Nick cerrou os olhos com força e respirou fundo.

— Por causa do teste de química?

— Não. Humm... por acaso reparei que o Rashid te quis entregar uma coisa qualquer. Podes dizer-me o que era?

Emily demorou alguns segundos a responder. — Porquê?

— Bem, pois, é que... nos últimos tempos há quem se porte de uma forma esquisita. Ainda não reparaste que ultimamente também anda a faltar muita gente às aulas? — Pronto, vá lá, pelo menos já estava a conseguir dizer frases completas. — E eu acho que deve ter a ver com isso que andam a distribuir à socapa. Por isso... Bem, já estás a topas. Só queria saber do que é que se trata.

— Eu também não faço ideia.

— Então o Rashid não te contou nada?

— Não. Ele andou a interrogar-me, quis saber coisas sobre a minha família que não lhe dizem respeito. Se os meus pais me dão muitas liberdades e coisas assim no género. — Emily soltou uma risadinha breve e desconsolada. — E se tenho um computador só para mim.

— Ai sim? — Nick esforçou-se em vão por tirar conclusões a partir daquelas informações. — E ele disse-te porque é que precisavas de um computador próprio?

— Não. Só disse que era uma coisa única, melhor do que tudo o que me tinha aparecido pela frente, e que eu só podia ver aquilo quando estivesse *sozinha*. — Pelo tom da sua voz, era fácil deprender o que Emily achava de tudo aquilo. — Estava muito excitado e metediço, mas isso tu próprio viste.

A última frase soou-lhe como se ela estivesse chateada. Nick sentiu-se corar. — Sim, eu vi tudo — admitiu. O silêncio instalou-se.

— O que é que tu achas que pode ser? — acabou por perguntar Emily.

— Não faço ideia. Vou perguntar ao Colin quando ele voltar a aparecer na escola. Ou então... talvez tenhas uma ideia melhor, não sei. — Novo silêncio.

— Não — disse Emily por fim. — Para dizer a verdade, ainda não tinha pensado muito no assunto.

Nick encheu os pulmões de ar antes de fazer a pergunta seguinte: — E queres saber do que se trata, se eu descobrir alguma coisa? Só se te interessar, não é...

— Sim, claro — disse Emily. — Mas agora vou ter que desligar. Ainda tenho umas coisas a fazer.

Depois daquela conversa, Nick sentiu que o dia tinha sido salvo. O Colin que se lixasse. Tinha encontrado uma ligação com a Emily. E agora também tinha um pretexto para voltar a ligar-lhe. Assim que soubesse de mais alguma coisa.

O Colin estava de volta. Como se nada tivesse acontecido, encostou-se ao seu cacifo e sorriu para Nick, enquanto atirava os *dreadlocks* para trás dos ombros. — Tive a infeção na garganta da minha vida — explicou, apontando para o cachecol. — Nem pensar em telefonar. Rouquidão total.

Nick procurou a mentira no rosto do amigo, mas nada encontrou. — O Bethany passou-se como nunca o vi passar-se — disse. — Porque é que não avisaste que estavas doente?

— Ah, estava mesmo na merda, meu. O velho que não se arme. Nick escolheu as palavras seguintes com todo o cuidado. — Deve ser mesmo contagiosa, essa tua infeção. Anteontem só vieram oito ao treino. O absoluto recorde negativo.

Se Colin ficou surpreso, não o demonstrou. — Acontece.

— O Jerome também faltou.

Um minúsculo tremor das pálpebras revelou o súbito despertar da atenção do amigo. Nick insistiu imediatamente. — A propósito do Jerome: afinal o que é que tu lhe passaste para a mão da última vez?

A resposta saiu disparada como um tiro de pistola. — O novo CD dos Linkin Park. Desculpa, sei que também queres que eu to copie, fica para amanhã, OK? — Com aquela promessa, fechou com estrondo a porta do cacifo, entalou os livros de matemática debaixo do braço e olhou com um ar de desafio para Nick. — Então? Vamos?

Nick estremeceu, tentando sacudir a paralisação que lhe causara a explicação que o Colin lhe acabara de dar. Os Linkin Park! Estaria ele a imaginar toda aquela teoria da conspiração? E se a sua fantasia lhe andasse a pregar partidas e a causa da não comparência dos alunos fosse mesmo uma vaga de gripe? Vendo bem, também não eram assim tantos. Nick contou-os à pressa, quando entrou na sala de aulas, pouco antes do tocar da campainha. A mana do tricô n.º 2 faltava, tal como o Jerome, a Helen e o sossegado Greg. Todos os outros esperavam ensonados nos seus bancos.

«OK», pensou Nick. «Então pronto, fui eu que imaginei tudo. Nada de grandes segredos — apenas os Linkin Park.» Sorriu para si próprio e virou-se para o Colin, para lhe descrever o ataque de fúria do Betthany. Mas o amigo não lhe prestou atenção, o seu olhar concentrou-se no Dan, que estava sentado à janela, no seu lugar de sempre, e espetara quatro dedos, meio encobertos pela própria barriga. Colin ergueu as sobrancelhas num gesto de reconhecimento e esticou, por sua vez, três dedos.

O olhar de Nick deteve-se ora num, ora no outro, mas antes que tivesse oportunidade de perguntar ao Colin o que significavam aqueles sinais com os dedos, Mr. Fornary entrou na sala. Durante a hora seguinte, o professor bombardeou-os com problemas matemáticos de tal maneira complicados que no final Nick nem teve tempo para pensar em questões tão simples como três ou quatro dedos esticados.

Em cima da mesa estava dinheiro e uma lista de compras interminável. A mãe mergulhara numa de permanentologia. Como se o outono tivesse ativado nas mulheres de Londres um desejo insaciável de cabelos encaracolados. Nick estudou a lista de cenho franzido. Pizas congeladas em todas as variações, para além de lasanha, douradinhos e montes de pratos preparados de massas ultracongeladas. Não dava a sensação de a minha mãe estar a pensar cozinhar ela própria nos próximos tempos. Nick suspirou, agarrou em três dos sacos de compras maiores e pôs-se a caminho do supermercado. Lembrou-se então dos quatro dedos espetados do Dan e da resposta silenciosa do Colin. Andaria ele a ver fantasmas? Essa era, pelo menos, a opinião do Jamie. — Não tens é nada que fazer, meu. Precisas ou de um *hobby* ou de uma miúda. Queres que te arranje um encontro com a Emily?

Nick empurrou o carrinho de compras e esforçou-se por sacudir da cabeça todos os pensamentos relacionados com a escola. O Jamie tinha razão, o melhor era mesmo tratar de problemas reais. Como por exemplo como é que ele iria conseguir transportar para casa as vinte garrafas de água que a mãe anotara na lista de compras.

Quando no dia seguinte entrou na escola, o ar vibrava de excitação. No átrio da entrada havia muitos mais alunos do que o habitual, a maior parte deles reunidos em grupinhos. Todos eles murmuravam, sussurravam, as suas conversas fundiam-se numa densa amálgama sonora, de onde lhe era impossível distinguir quaisquer palavras

isoladas. A atenção geral prendia-se nos dois polícias que nesse momento tinham entrado no corredor que ia dar ao gabinete da direção.

A um canto, não longe das escadas, Nick descobriu o Jamie completamente embrenhado numa acesa conversa com a mana do tricô do Alex, o Rashid e um outro tipo, de cujo nome Nick não se lembrou logo. Ah, era o Adrian, um puto com treze anos que normalmente não se misturava com os mais velhos. Nick reconheceu-o porque a sua história familiar tinha sido muito badalada quando ele entrara para a escola, dois anos antes: contava-se que o pai do tal Adrian se tinha enforcado.

— Ei! — Jamie chamou-o para junto deles com um gesto espalhafatoso. — Isto hoje está a aquecer!

— O que é que a bófia veio fazer à escola?

Jamie mostrou uma fileira de dentes. — Temos cá dentro criminosos, meu. Larápios, gatunos. Foram roubados nove computadores, nove *notebooks* novinhos em folha, acabados de comprar para as aulas de informática. E eles andam à procura de vestígios na sala dos computadores.

Adrian acenou com a cabeça. — Que até estava fechada — acrescentou com uma voz tímida. — Pelo menos foi o que o Mr. Garth contou aos polícias, ouvi...

— Cala o bico, puto — berrou o Alex. As suas borbulhas brilhavam; provavelmente de excitação, calculou Nick.

De repente, Nick teve vontade de se atirar à cara daquele idiota. Para não ter que continuar ali a olhar para ele, virou-se para o Adrian. — Então a porta foi arrombada?

— Não, esse é que é o mistério — disse logo o rapaz. — Abriram-na. Alguém deve ter roubado a chave, mas o Mr. Garth diz que é impossível, as três chaves estão no seu lugar, uma delas até é ele que a tem consigo...

— Nick? — Uma voz baixa interrompeu toda aquela torrente de palavras de Adrian, uma mão com as unhas pintadas de verniz transparente pousou no ombro de Nick. «A Emily», pensou Nick durante um breve instante. Mas corrigiu-se imediatamente, pois a Emily não usava três anéis em cada dedo; e além disso também não cheirava assim tão... *patchuli*.

Virou a cabeça e deparou com os olhos azul-claros da Brynne. Como duas poças de água.

— Nickyzinho, podes... ou melhor, podemos, e só um momentinho, sem ninguém a ouvir...

O Alex fez logo uma careta e lambeu os lábios com a língua, o que fez com que Nick cerrasse os punhos em pensamento.

— Certo — concordou Nick. — Mas só mesmo dois minutinhos.

O tom irritado da sua voz pareceu não a incomodar, e se a incomodou não o deixou transparecer. Era bonita, sobre isso não havia dúvida, mas acima de tudo adorava dar à língua, era uma tagarela e, como lhe parecia, burra como uma porta. E ali estava ela agora, a abanar as ancas de saltos altos à sua frente e a guiá-lo na direção das escadas que desciam para os ginásios. Àquela hora o sítio estava vazio.

— Olha lá, Nick — sussurrou Brynne. — Quero dar-te uma coisa. É incrivelmente *cool*, a sério. — Enfiou a mão na bolsa que trazia pendurada ao ombro, hesitou e voltou a tirar a mão.

Nick fitou a bolsa. Teve um pressentimento sobre o que se iria seguir e quase sorriu a Brynne.

— Mas antes ainda tenho que te perguntar uma coisa. — E afastou com uma lentidão forçada uma madeixa da testa.

Se me queres fazer um favor, não me perguntes agora o que eu penso de ti.

— Diz lá então.

— Tens lá em casa um computador? Um próprio, isso é importante. No teu quarto.

Até que enfim! — Sim, tenho.

Brynne acenou com a cabeça, satisfeita.

— Boa, e os teus pais costumam meter o nariz nas tuas coisas?

— Os meus pais não são *freaks*.

— Oh. Bem. — Ela ficou a olhá-lo com um ar pensativo, a testa franzida. — Espera lá, ainda havia uma outra coisa. Certo. — Brynne deu mais um passo na sua direção e olhou-o olhos nos olhos. O bafó a pastilha elástica e aquele aroma a harém uniam-se numa mistura meio bizarra. — Não o podes mostrar a mais ninguém. Senão não funciona. Tens que guardar já isto e não contas a ninguém que eu to dei. Juras?

Tudo aquilo era uma idiotice. Nick fez uma careta. — E porquê?

— São as regras — explicou Brynne impaciente. — Se não jures, não to posso dar.

Nick suspirou ruidosamente, visivelmente irritado. — Cá por mim, não há azar. Juro.

— Mas não te esqueças, OK? Senão sou eu que me tramo. — Brynne estendeu-lhe a mão e ele agarrou-a e sentiu como estava quente. Quente e um pouco húmida. — Bom — murmurou Brynne. — Então vou confiar em ti. — Lançou-lhe então um olhar que, como Nick temera, tentava ser sedutor e tirou do bolso uma capa quadrada e fina de plástico, que lhe entregou discretamente.

— Curte-me bem a cena — sussurrou, antes de se pôr a andar.

Nick nem sequer olhou para ela. Toda a sua atenção se concentrou no objeto que tinha na mão, um DVD em branco sem qualquer inscrição na capa. Nick abriu-a, cheio de curiosidade.

Qual Linkin Park, qual carapuça.

Estava escuro ali em baixo e ele aproximou o DVD da luz para poder ler o que a caligrafia infantil da Brynne tinha escrito na superfície de plástico.

Tratava-se apenas de uma única palavra que Nick desconhecia por completo: Erebos.

O Jamie passou o resto do dia a meter-se com ele por causa da Brynne. Era típico dele e até nem era coisa que o chateasse por aí além. O que mais lhe custou foi a luta contra a tentação de tirar o DVD do bolso e o mostrar ao amigo. Mas de todas as vezes acabou por conseguir controlar-se. Primeiro ia ver tudo o que lá estava dentro sozinho, para tentar perceber porque é que todos faziam um segredo tão grande daquilo. Mas nem em sonhos pensava juntar-se àquele grupinho de iniciados em mistérios ocultos que tanto o irritavam.

O dia escolar arrastou-se com uma lentidão dolorosa. Nick quase não conseguia concentrar-se, a sua atenção regressava sempre para aquele pequeno objeto insignificante que tinha guardado no bolso. Podia senti-lo através de três camadas de tecido. O seu peso, as suas arestas.

— Estás maldisposto? — perguntou-lhe Jamie, pouco antes de tocar para a última aula.

— Não, porquê?

— Porque estás assim com uma cara meio esquisita.

— Estou só a pensar.

E os cantos da boca de Jamie estremeceram naquele seu trejeito gozão. — Deixa-me cá adivinhar. Estás a pensar na Brynne? Marcaste um encontro com ela?

Nunca havia de perceber como é que o Jamie podia achar que ele se interessava por uma pita como a Brynne. Mas hoje faltava-lhe a vontade de discordar.

— E o que é que tu tens a ver com isso? — retorquiu e ignorou a expressão tipo «eu bem sabia» do amigo.

— Então amanhã vou ficar a saber os pormenores todos.

— Pois. Quero dizer, sei lá... Talvez.

O apartamento estava vazio e gelado quando Nick entrou. A mãe devia ter estado outra vez cheia de pressa e esquecera-se de fechar as janelas antes de sair. Sem tirar o casaco, Nick tratou primeiro de vedar todas as aberturas e frestas e pôs depois o aquecedor no seu quarto ao máximo. Só então tirou o DVD do bolso para o abrir: Erebos.

Nick fez uma careta. Erebos soava como Eros. «Querem ver que é um desses programas de encontros?», pensou. «Tinha mesmo a ver com a Brynne», mas aí ela podia tirar o cavalinho da chuva.

Ligou o computador e enquanto o aparelho arrancava foi buscar à sala uma manta de lã, que pôs à volta dos ombros.

Tinha pela frente pelo menos quatro horas sem perturbações. Mais por hábito do que por necessidade, mas também para aumentar ainda um pouco mais a tensão, começou por ver os seus *e-mails* (três vezes publicidade, quatro vezes *spam* e um aviso assanhado do Beththany, que ameaçava com consequências terríveis todos aqueles que ousassem baldar-se ao treino mais uma vez).

No momento em que queria abrir a sua página no Facebook, Finn surgiu-lhe no ICQ.

— Então, maninho? Tudo em ordem?

Nick sorriu involuntariamente.

— Sim. Tudo numa boa.

— E como é que a mãe está?

— Tem tido imenso trabalho, mas está OK. E tu, como é que isso vai?

— *Idem*. O negócio rola sobre esferas.

— *Cool*. — Nick não quis saber de mais nada.

— Ouve lá, Nicky. Aquela *T-shirt* que eu te prometi... lembraste? E se se lembrava. Uma *T-shirt* dos Hell Froze Over, a melhor banda do mundo, se perguntassem ao Finn.

— O que é que se passa com ela?

— Não a encontro no teu tamanho. Pelo menos nas próximas quatro semanas. Cresceste para carças, meu. Os tipos lá do *fanshop* encomendaram-na, mas vai demorar. Achas que aguentas?

No primeiro momento, Nick não compreendeu o motivo de todo aquele seu desapontamento. Talvez porque já se estivesse a ver com o Finn no concerto dali a duas semanas, ambos com a *T-shirt* dos HFO com a cabeça do demónio azul-metálico ao peito, a berrarem o «Down the Line».

— Não é grave — teclou Nick.

— Mas eu não esqueço, prometo. Não queres passar por cá um dia destes?

— Sim, claro.

— Estou com saudades, puto, sabias?

— Também eu. — *E como*. Mas nisso ele não queria agora insistir, senão o Finn ainda ficava outra vez cheio de sentimentos de culpa.

Depois do *chat* com o irmão, Nick ainda passou uma vista de olhos pelos desenhos da Emily no *deviantart*, mas aí não encontrou novidades desde o dia anterior. Claro, concluiu algo envergonhado, e pôs-se outra vez *offline*.

A sua voz interior aconselhou-o a escrever primeiro a redação de inglês, antes de se dedicar ao Erebus. Só que a voz interior não tinha a mínima chance, tamanha era a sua curiosidade. Abriu a capa, fez uma careta perante a caligrafia da Brynne e meteu o DVD na *drive*. Decorreram alguns segundos, até uma janela se abrir.

Nem filme, nem música. Tratava-se de um jogo.

A janela de instalação mostrava uma imagem sombria. Ao fundo via-se uma torre em ruínas no meio de uma paisagem calcinada. Em frente à torre, uma espada espetada no chão, com um pano vermelho atado ao cabo. O pano esvoaçava ao vento como uma derradeira recordação da vida num mundo morto. Por cima, também em vermelho, ondulavam as letras do título: Erebus.

Nick sentiu uma comichão no estômago. Quis aumentar o som, mas não havia música, apenas um bramido fundo, como o aproximar de uma tormenta.

Deixou pairar a seta do rato sobre o botão de instalação com a vaga sensação de se ter esquecido de algo... claro, o programa antivírus.

Scaneou os dados gravados no DVD com dois programas diferentes e suspirou de alívio quando ambos confirmaram que estava tudo em ordem. Vamos lá então.

Com uma lentidão exasperante, a barra azul da instalação lá foi avançando, aos saltinhos, uns saltinhos minúsculos. Por mais de uma vez, o computador pareceu ir-se abaixo, nada se movia. Nick experimentou mover o rato de um lado para o outro — menos mal, pelo menos a seta indicadora movia-se. Embora com lentidão e de uma forma não controlada. Impaciente, Nick não conseguia estar quieto na cadeira. Vinte e cinco por cento, não podia ser verdade! Assim até sobrava tempo para ir à cozinha buscar algo para beber.

Quando voltou, minutos mais tarde, ainda ia nos trinta e um por cento. Nick praguejou, deixou-se cair na cadeira e esfregou os olhos. Que merda de jogo aquele!

Uma boa hora mais tarde tinham sido atingidos os cem por cento. Intimamente, Nick soltou um grito de entusiasmo quando o monitor escureceu. E negro ficou.

Nada ajudou. Nem as pancadas contra a torre, nenhuma combinação de teclas, nem sequer um ataque de fúria. O monitor nada mais mostrava, para além daquela escuridão implacável.

Pouco antes de Nick desistir e carregar na tecla do *reset*, aconteceu, no entanto, algo. Um as letras vermelhas recortaram-se da escuridão, palavras que pulsavam, como se um coração oculto as alimentasse com sangue e vida.

«Entra.

Ou volta para trás.

Isto é o Erebus.»

Até que enfim! Cheio de uma alegre expectativa, Nick escolheu «Entra».

Para variar, o ecrã voltou a escurecer, durante vários segundos. Nick recostou-se na cadeira. Só esperava que o jogo não continuasse assim tão lento. Com o computador não tinha a ver de certeza, tanto o processador como a placa gráfica eram de última geração e tudo quanto ele tinha de jogos corria sem quaisquer problemas.

Pouco a pouco, o ecrã iluminou-se, deixando ver a imagem extremamente realista de uma clareira numa floresta ao luar. No meio da clareira encontrava-se uma personagem com a camisa rasgada e as calças todas puídas. Sem armas, apenas com uma vara na mão. Devia ser provavelmente a personagem principal do jogo. Nick experimentou, clicou para um espaço à sua esquerda e o sujeito saltou e foi parar

precisamente ao sítio escolhido. OK, os comandos não podiam ser mais fáceis e o resto ele também iria perceber rapidamente. Também não era o primeiro jogo de computador que ele jogava.

«Vamos a isto então», pensou. «Só que — em que direção?» Não havia caminho nem indicações. Um mapa talvez? Nick tentou em vão descobrir um inventário ou um qualquer menu para aquele jogo, mas não havia nada. Nem indicações sobre *quests* nem missões a cumprir, nem outras configurações visíveis. Apenas uma barra vermelha para o indicador de vida e ao lado uma outra azul — provavelmente para a resistência. Nick tentou várias combinações de teclas, com as quais tinha sido bem-sucedido noutros jogos. Aqui não serviam para nada.

Se calhar, esta porcaria está a rebentar com erros de programação, pensou mal-humorado. À experiência, clicou diretamente sobre a figura tão parcamente equipada. Sobre a sua cabeça surgiu a legenda «O Sem Nome».

— Pois bem — murmurou Nick. — O misterioso Sem Nome. — Deixou então a figura andrajosa andar primeiro um pouco em frente, depois para a esquerda e finalmente para a direita. Todas as direções pareciam ser erradas e não surgia ninguém a quem ele pudesse perguntar.

«Isto é que é um jogo tremendamente *cool*, a sério», imitou em pensamento a voz de Brynne. Por outro lado... O Colin também parecia ter-se entusiasmado com ele, e o Colin não era parvo nenhum.

Nick decidiu deixar avançar a sua personagem sempre em frente. Era o que ele faria, achou, se se tivesse perdido numa floresta. Manter sempre a mesma direção. Algo acabaria por encontrar e não existem florestas infinitas.

Concentrou-se nos movimentos do Sem Nome, que conseguia evitar com agilidade os troncos das árvores e afastar com a vara os arbustos que se lhe metiam à frente. Cada passo da personagem podia ouvir-se perfeitamente, os arbustos estalavam, as folhas secas rugejavam. Quando a personagem trepou para cima de um rochedo, pequenos fragmentos de pedra soltaram-se e rolaram para o chão.

Por detrás do rochedo, o solo tornou-se mais húmido. O Sem Nome já não conseguia avançar tão depressa, a cada passada enterrava-se até aos tornozelos. Nick estava impressionado. Tudo aquilo era incrivelmente realista, nem sequer faltava o ruído provocado pelos pés a afundarem-se no lamaçal.

O Sem Nome esforçava-se, avançando sempre, até que começou a arquejar. A barra azul estava agora reduzida a um terço do seu compri-

mento inicial. Quando alcançou o rochedo seguinte, Nick concedeu à sua figura um descanso. O Sem Nome apoiou as mãos nas coxas e baixou a cabeça — visivelmente empenhado em normalizar a respiração.

Ali por perto tinha que haver um ribeiro. Nick conseguia ouvir o murmurar da água e decidiu pôr fim ao repouso. Dirigiu o Sem Nome um pouco para a direita, onde, de facto, ele deu com um curso de água. Ainda arquejante, a figura manteve-se em pé, parada na margem.

— Vá, bebe lá, pá — disse Nick. Carregou na tecla com a seta que apontava para baixo e deliciou-se ao ver o Sem Nome de facto ajoelhar-se, levar a mão em forma de concha à água e beber.

A partir daí, o ritmo foi aumentando. O chão perdeu a humidade e a densidade do arvoredado também diminuiu. Mas continuava a faltar um ponto de orientação e Nick começou a temer que, com aquela sua tática do sempre em frente, o tiro lhe saísse pela culatra. Se ao menos dispusesse de uma visão global, um mapa talvez, ou...

Visão global! Nick sorriu. «Deixa cá ver», pensou, «e se o seu eu virtual não conseguisse apenas baixar-se e ajoelhar-se, mas também trepar?» Escolheu uma grande árvore com ramadas baixas, posicionou a figura ao lado do tronco e carregou na tecla com a seta que indicava para cima.

Com todo o cuidado, o Sem Nome pousou a vara no chão e começou a trepar à árvore. Agarrava-se aos ramos e parava assim que Nick tirava o dedo da tecla, mal ele voltava a carregar continuava a trepar. Nick fê-lo subir o mais possível, até os ramos se tornarem demasiado frágeis. A um dado momento, quase escorregou e caiu. Só quando a figura alcançou uma posição segura é que Nick ousou lançar um olhar à sua volta. A vista era deslumbrante.

A lua cheia recortava-se bem lá em cima, no céu noturno, banhando com a sua luz um mar verde-prateado e quase infinito de árvores. À esquerda podiam reconhecer-se as faldas de uma serra, enquanto à sua direita a planície se prolongava. Seguindo em frente, o terreno tornava-se acidentado. Pontos minúsculos como picadas de alfinete em algumas das colinas revelavam a existência de povoações.

«Eu não disse», pensou Nick triunfante. «O caminho em frente é mesmo o certo.»

Já tinha o dedo em cima da tecla com a seta para baixo quando reparou numa luz de um amarelo quente que cintilava por entre o arvoredado, ali bem próximo. Aquilo parecia promissor. Se corrigisse a rota apenas um pouco para a esquerda, deveria, dentro de poucos minutos, deparar com a fonte luminosa. Uma casa, talvez? Impaciente,

Nick fez a figura voltar para o chão, onde recolheu novamente a vara, antes de prosseguir caminho. Nick mordeu o lábio e desejou que tivesse calculado bem o desvio.

Não demorou muito até que julgou começar a distinguir, por entre os troncos, os primeiros ténues vestígios luminosos. Exatamente nesse momento, deparou com um obstáculo: uma fossa, demasiado larga para que a personagem a pudesse transpor a salto. Maldição! A fenda aberta no solo prolongava-se para ambos os lados e perdia-se algures na escuridão, por entre o arvoredo. Tentar contorná-la levaria demasiado tempo e custaria, muito provavelmente, a perda de orientação ao Sem Nome.

Nick só se apercebeu do tronco tombado no chão depois de muito praguejar. Se o conseguisse arrastar para a posição certa...

A tecla de espaço revelou-se a chave para o sucesso. A personagem arrastou, puxou e empurrou o tronco em todas as direções que a seta do rato lhe indicou. Quando o tronco ficou de lado sobre a fenda, o Sem Nome deteve-se, arquejante, e a barra vermelha da vida diminuiu novamente um pouco.

Com as devidas cautelas, Nick deixou o seu herói virtual transpor a fossa. A árvore revelou-se uma bem pouco segura ponte, pois ao quinto passo do Sem Nome o tronco rolou um pouco para a direita e só um salto temerário o deixou em segurança na outra margem.

A luz era agora mais intensa do que ainda há pouco. Além disso, tremeluzia. Mesmo à sua frente, abria-se uma minúscula vereda na floresta, no centro da qual ardia uma fogueira. Sentado ali à frente, um único homem fitava absorto as chamas. Nick tirou o dedo da tecla do rato e o Sem Nome parou instantaneamente.

O homem não se mexeu. Parecia não trazer armas consigo, mas isso também não queria dizer nada. Podia ser um feiticeiro, a negra capa comprida com que se cobria assim o sugeria. Talvez pudesse saber algo de concreto se clicasse na figura. Mal a seta do rato tocou na figura, o homem ergueu a cabeça e mostrou um rosto estreito com uma boca muito pequena. No mesmo momento abriu-se na barra inferior do ecrã uma janela de diálogo.

— Salve, Sem Nome. — As letras de um cinza-prateado recortavam-se contra o fundo negro. — Foste rápido.

Nick aproximou a sua personagem, mas o homem não reagiu, limitou-se a juntar, com um pau comprido, os cavacos de lenha que ardiam à sua frente. Nick sentiu-se desapontado; finalmente encontrara alguém naquela floresta abandonada e a sua única reação fora aquela parca saudação.

Só quando viu o cursor a cintilar na linha de baixo da janela de diálogo é que Nick percebeu que era esperada uma resposta por parte dele. — Retribuo as saudações — teclou.

O homem do manto negro acenou com a cabeça. — Trepar à árvore foi uma boa ideia. Poucos foram os andarilhos sem nome que se mostraram tão expeditos. Tu representas uma grande esperança para Erebos.

— Obrigado — respondeu Nick.

— Pensas então prosseguir com a tua caminhada? — A pequena boca do estranho torceu-se num sorriso expectante.

Nick queria teclar «Certamente!», mas o outro ainda não tinha acabado de falar.

— Uma coisa tens que saber: só se te aliars a Erebos podes ousar enfrentá-lo.

— De acordo — respondeu Nick.

O homem baixou a cabeça e pôs-se a remexer com o pau nas brasas da fogueira. Fagulhas saltaram. *Parece mesmo real, tão real.*

Nick esperou, mas o estranho não fez menção de prosseguir com o diálogo. Já devia ter debitado todo o texto que lhe competia.

Curioso sobre a forma como ele iria reagir quando fosse diretamente interpelado, Nick experimentou clicar ao calhas «p#434<3xxq0jolk-<fi0e8r» no campo de texto. Aquilo pareceu divertir o seu interlocutor virtual, que ergueu a cabeça e sorriu para Nick.

«O gajo olha-me mesmo olhos nos olhos», constatou Nick, e reprimiu uma sensação de mal-estar. «Olha para mim como se o seu olhar conseguisse atravessar o ecrã.»

Por fim, o estranho voltou-se novamente para a sua fogueira.

Só então Nick reparou que começara uma música, uma melodia simultaneamente delicada e penetrante, que o comoveu de uma forma inexplicável.

— Quem és tu? — clicou no seu campo de diálogo.

Naturalmente, não obteve resposta. O estranho limitou-se a pôr a cabeça de lado, como se tivesse que meditar sobre o assunto. Decorridos alguns segundos, porém, surgiram na janela do texto, para grande espanto de Nick, as palavras:

— Sou um morto. — Uma vez mais, o estranho olhou para Nick, como se quisesse avaliar o efeito do que acabara de revelar. — Apenas um morto. Tu, pelo contrário, és um vivo. Embora ainda não tenhas nome, mas não por muito mais tempo. Em breve irás poder escolher um nome, uma vocação e uma vida completamente nova.

Os dedos de Nick deslizaram pelo teclado. Aquilo era estranhíssimo, não, mais do que estranho: assustador. O jogo reagira com uma resposta coerente à sua pergunta.

Também podia ter sido um acaso.

— Os mortos não costumam falar — escreveu, e recostou-se na cadeira. Não era uma pergunta, mas mais uma objeção, para a qual o estranho não podia ter nenhuma resposta programada.

— Tens toda a razão. Mas esse é o poder de Erebos. — E o homem manteve o pau em contacto com as chamas, até que o retirou a arder.

Já um pouco assustado, apesar de não o querer admitir, Nick verificou se o seu computador estava mesmo *offline*, não fosse estar alguém a divertir-se à sua custa. Não. A ligação à Internet estava interrompida. O pau que o homem empunhava ardia intensamente e o reflexo das chamas dançava nos seus olhos.

A frase seguinte escreveram-na os dedos de Nick de uma forma automática: — E como é estar morto?

O homem riu, uma risada ofegante, arquejante. — És o primeiro Sem Nome que me pergunta isso! — E com um gesto distraído lançou os restos do pau para a fogueira.

— Solitário. Ou cheio de espíritos. Quem o pode dizer ao certo. — E passou a mão pela testa. — Se eu te perguntasse como é estar vivo, o que é que me respondias? Cada um vive à sua maneira. Da mesma forma, cada um também tem a sua própria morte. — E como se quisesse acentuar o que acabara de dizer, puxou o capuz do manto para cima da cabeça, que ficou mergulhada em sombra, apenas se via a pequena boca. — Sem dúvida irás saber um dia o que isso significa.

Sem dúvida. Nick limpou o suor das mãos às calças. O tema já não lhe estava a agradar.

— Como é que eu vou continuar? — teclou, e nesse preciso momento percebeu, divertido, que já estava a contar com uma resposta lógica à sua pergunta.

— Será que queres mesmo continuar? Estou a avisar-te. Talvez seja melhor ficares por aqui.

— Claro que quero continuar.

— Então segue pela esquerda e caminha ao longo do ribeiro que vai dar a uma ravina. Tens que a atravessar. Depois logo verás.

— O morto encolheu-se na sua capa, como se estivesse com frio.

— E toma atenção ao Mensageiro dos olhos amarelos.